

# O Boquet d'Angeja

(SEMANARIO)

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 16500, 8 mezes 14000, 4 mezes 500, Brazil 36000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

## REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

## ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

## SUMMARIO

Crise agricula.  
Angeja, Paula Quaresma.  
Cindasunda ou o Brasão de Coimbra (folhetim), J. Freire de Serpa.  
Noticiario.

Secção litteraria

A força do Christianismo (prosa), Ricardo Souto.  
Ella morreu! (poesia), P. X.  
Diversões (prosa), Makoum.  
Loirita (poesia), José Dordio.  
As duas irmãs (conto), A. Leão Martins.  
Na campã d'Ignez (poesia), P. X.  
As inconveniencias (prosa), Adir-Agram.  
A' memoria de meu pai (poesia), Vidal Oudinot.  
Phantasia (prosa), Elvira Tovin.  
Bocage em liberdade (glosa).  
Horas vagas (charadas), Narciso d'Albuquerque.

ANGEJA, 20 DE ABRIL DE 1887

## CRISE AGRICOLA

ESTIMARIAMOS mais vermos occupar-se d'esta questão capital, a parte da nossa imprensa periodica cujo echo resoa desde o mais remoto canto do paiz ás altas regiões da governação.

Porém, a politica e muitas vezes questionculas estereis que nem para exploração servem, absorvem o tempo e o espaço á discussão e á luz onde a sua incidencia se torna indispensavel.

A agricultura, que foi e hade ser

sempre a fonte de toda a riqueza, o ponto de apoio e de partida de todas as industrias, o sustentaculo d'um estado, o barometro por onde se afere da vitalidade d'uma nação, achase na actualidade, n'um estado decadente tal, que mais um bocado de marcha n'este declive e o agricultor não poderá, sequer, pagar as contribuições ao estado! As circumstancias verdadeiramente tristes a que a agricultura chegou, se não traduz já uma grande crise, ella em breve se fará sentir com o peso de todas as suas consequencias.

No nosso districto d'Aveiro, a agricultura e tudo o que d'ella depende, apresenta-se um verdadeiro espectáculo.

O gado vaccum, uma das melhores fontes de receita do lavrador, é vendido pela terça parte do seu valor!

O milho, o feijão, o trigo, cuja producção não tem sido abundante, acham-se extremamente baratos, não auferindo o lavrador d'ahi se não lucros insignificantes. O arroz, que, por muito tempo supria as faltas dos outros generos, apresenta hoje uma producção muito diminuta, porque os terrenos estão cançados e as aguas são muito irregulares.

Na producção de azeite quasi nem se falla no nosso districto. O vinho, insignificante, abunda só em determinadas regiões, com especialidade na Bairrada.

Como consequencia de tudo isto a propriedade não tem quem a compre nem quem a arrende.

A emigração quer para outros pontos do paiz, quer principalmente para o estrangeiro, é constante. E no meio d'esta escacez espantosa, o lavrador vê-se obrigado a pagar o salario por um preço mais elevado, em virtude da emigração lhe ter reduzido os braços.

E' um estado desesperado, desolador, que conduz a um cataclysmo medonho, que se hade fazer sentir em todos os ramos da actividade humana e em todas as classes sociais.

Em todo o paiz as circumstancias são proximaemente as mesmas. Por toda a parte se nota a barateza da propriedade. O consumo e a exportação dos generos e dos gados não podem lutar perante a abundancia e a barateza dos generos e dos gados estrangeiros.

N'este caminhar, em breve a nossa agricultura e industrias ver-se-hão soffocadas e mortas, perante essa enorme e crescente concorrência do estrangeiro.

Sobre a sua ruina se levantará, opulentamente, a desolação, a miseria e a fome com os seus consequentes, o roubo, o assassinato e o perigo da propria vida.

E' verdadeiramente triste termos de relatar estes factos, mas é forçoso termos a coragem de os confessar e de chamarmos para elles a attenção da nossa imprensa e do governo.

Não queremos de fórma alguma fazer responsavel d'isto o actual governo. Todos teem incorrido n'esta falta, principalmente aquelle cuja permanencia nos conselhos da corôa tem sido maior. O mal tem longas e antigas raizes. E' preciso enviar altos esforços para combater essa nuvem ameaçadora, que porfia envolver-nos. Sabemos as tenções e os esforços já empregados pelo actual gabinete para se extinguir este mal.

E o paiz confiando na solicitude e patriotismo do governo espera ver restaurada a agricultura, que é a alma d'um povo.

Estamos certos que constituirá o

principal objectivo dos ministros o fomento da agricultura e industrias, attenta a sua ligação com o estado financeiro do paiz, que é a constante preocupação do governo.

A actividade d'este, o seu ardente desejo em acompanhar no estrangeiro toda a sorte de progressos n'este genero, e a nitida comprehensão, que teem de todas as necessidades são garantia bastante da sua proficuidade.

Oxalá que a nossa imprensa ponderando bem a missão que sobre si pesa, concorra na elucidação d'este assumpto, patentecendo as necessidades que por toda a parte assoberbam os povos.

## ANGEJA

Promettemos no 2.º numero d'este jornal escrever, as distinctas e gloriosas tradições que esta terra representa; principiamos hoje a fazel-o descrevendo a biographia dos Marquezes d'Angeja, porque esta terra era marquezado.

Não só temos conhecimento do que vamos escrever, em respeito a este marquezado, d'um livro que possuímos, que foi publicado por D. Antonio Caetano de Souza Clerigo Regular, e Deputado da junta da Bulla da Cruzada em 1737, mas tambem pelo que lemos no Dicionario Popular, Historico e Geographico, dirigido pelo senhor Pinheiro Chagas em que foram collaboradores 16 principaes da maior intelligente d'este paiz=

D. Pedro Antonio de Noronha casado com a Marqueza D. Isabel Maria Antonia de Mendonça foi o 1.º Marquez d'Angeja. D. Pedro José de Noronha e Camões, filho do 2.º Mar-

## FOLHETIM

## CINDASUNDA

OU

## O Brasão de Coimbra

(SOLAU)

(Ao Ill.º Sr. F. L. M. d'Albuquerque)

(Conclusão do n.º 6)

CANTO III

Que moça é essa tão linda?  
que moça é essa, que 'hi vem,  
de vinte pagens seguida,  
montada n'um palafrem?

Eu nunca vi  
mulher assi.

Trinta donzellas formosas  
vem ao lado da princeza:  
mas todas juntas não valem  
um rasgo d'essa belleza;

Eu nunca vi  
mulher assi

Calça vermelho coturno,  
e orla-lhe franja de prata  
o veu espesso, que esconde  
a formosura, que mata;

Eu nunca vi  
mulher assi.

Sobreleva o seio em neve  
às alvas roupas de que usa;  
vencem olhos em lindeza  
os olhos d'uma andaluza;

Eu nunca vi  
mulher assi.

As negras tranças cumpridas  
pelas espaldas lhe ondeiam;  
co'o rebor casto do pejo  
as faces se lhe afogelam;

Eu nunca vi  
mulher assi.

A sestra mão guia as reatas  
do brioso palafrem;

na branca dextra despida  
d'oliveira um ramo tem;

Eu nunca vi  
mulher assi.

Caminha por entre as hostes,  
e, por estranho condão,  
peões, cavallos, guerreiros  
estatuas ficam no chão;

Eu nunca vi  
mulher assi.

CANTO IV

Quem era a ninfa  
que tão formosa  
á lide irosa  
assim correu?  
ella quem era?  
—Não o sei eu.

El-rei Atacés  
pouco razão  
p' a guerra  
que levou  
o povo  
a mortejou?

«Cindasunda! filha minha!»  
Hermenerico fallava:  
—Cindasunda, interrompendo-o,  
assim aos chefes bradava:

«Senhor pai, aqui me tendes;  
morta venho;  
mas, pai meu, para salvar-vos  
me despenho.

«Senhor Atacés valente,  
que fazeis!  
falla-me Deus que estas guerras  
acabeis.

«Para que d'arrastar sangue,  
tão contado!  
si se eu salvar-vos podera,  
mal peccado!

«Senhores reis, muito amigos  
vos queda:  
e o meu só, se e mister sangue,  
herraí;

«Acabemos co' esta guerra  
e vamos á nossa terra.»—

Assim fallou Cindasunda.  
—Disse o pai: «O' filha minha!»

quez d'Angeja e de D. Luiza Josefa de Menezes, que era filha do 4.º Conde de Tarouca, nasceu a 17 d'Agosto de 1716.

De seu pae, que foi governador das armas do Minho, e que falleceu em Viana a 18 de Julho de 1735, herdou os titulos de Marquez d'Angeja, e Conde de Villa Verde, alem dos senhorios de varias terras.

Atravessando a época do governo de Pombal com tão grande dissimulação, que o illustre estadista confessava ser entre todos os membros da nobreza aquelle em cujos pensamentos e intenções não conseguira nunca penetrar, e, favorecido pela interinidade do Infante D. Pedro, pela fraqueza da Rainha, e pela fama de erudito de que gosava, foi escolhido para Presidente do real erario, quando se formou o gabinete depois da queda do celebre ministro de D. Jose.

Falto de experiencia na difficil arte de governar, a unica idéa, que parece ter presidido aos seus actos, como ministro, foi a de uma completa reacção contra o governo do seu antecessor, e uma das primeiras medidas que adoptou foi mandar suspender as obras com que Pombal fazia renascer Lisboa do montão de ruínas a que fora reduzida pelo terramoto.

Por essa occasião o povo assumindo em curtas frases a idea que formava do novo governo a cuja frente estava o Marquez d'Angeja, dizia: «mal por mal antes Pombal», e já nos nossos dias o Marquez de Rezende, no seu trabalho—«Pintura de um outeiro nocturno», desenha o caracter de Angeja nas seguintes palavras: «para si e para os seus, largo e para os outros, apertado», embora este juizo do illustre academico pareça bastante exagerado, a verdade e exactidão d'elle se reconhece pela simples leitura da relação dos cargos e honras que Angeja accumulou na sua pessoa.

(Continúa). Paula Quaresma.

## NOTICIARIO

Tem estado a passar as ferias na sua casa de Oliveirinha, d'onde já partiu para Lisboa, o sr. desembargador Francisco Mattoso de Castro Corte Real, irmão do sr. presidente do conselho e um dos represen-

tantes mais sollicitos, que o districto d'Aveiro tem tido em côrtes. Durante a curta estada alli, s. ex.ª foi procurado pelas principaes pessoas do districto.

**Partida.**— Já retirou d'Angeja para Lisboa, onde foi reassumir as funcções de juiz junto do tribunal administrativo, o sr. dr. Nogueira Souto, irmão do redactor d'este jornal.

—Tambem segue hoje para o Porto onde vai passar uma parte da primavera, o sr. Manoel Maria Ferreira Souto com sua mana a ex.ª sr.ª D. Emilia Souto Alves.

**Enfermidade.**— Já se acha um pouco melhor em Assilho (Albergaria), o nosso amigo, sr. Francisco Antonio de Miranda, alumno do 3.º anno juridico e que esteve gravemente doente com a febre typhoide. Estimamos as suas melhoras.

**Viagem illustre.**— São esperados em Madrid, amanhã, 21, os duques de Montpensier, que tinham vindo a Lisboa assistir ao baptisado do principe da Beira.

Suas altezas seguem no dia 27 para Paris.

A senhora condessa de Paris tambem tenciona chegar á capital do reino visinho no dia 24.

**Boatos.**— Falla-se bastante no sr. conselheiro Andrade Corvo para chefe do partido regenerador em substituição do nofre estadista Fontes Pereira de Mello.

**Aniversario.**— Fez hontem 43 annos o sr. conselheiro Enigdio Navarro, ministro das obras publicas, um dos ornamentos da nossa imprensa e distincto parlamentar. As nossas felicitações.

**Conferencia.**— Hoje, pela uma hora da tarde, em sessão solemne da Associação Commercial do Porto, no edificio da Bolsa, faz o sr. conselheiro Beirão, illustre ministro da justiça, uma conferencia sobre o projecto de reforma do codigo commercial.

A admissão é por bilhetes. A commissão executiva do partido progressista no Porto convidou os seus amigos e correligionarios a irem esperar o illustre ministro hoje de manhã á estação de Campanhã.

**Subscrição.**— Está já n'um 1:159\$500 rs. a que foi aberta para a erecção do monumento ao eminente estadista Fontes Pereira de Mello.

**Aliança.**— Diz-se que a França quizera entabolar uma aliança offensiva e defensiva com a Russia e que esta a repellira.

**Oriente.**— A immortal pendencia bulgara apresenta-se cada vez mais complicada.

**Attentado.**— Segunda-feira, 18, em Madrid, um francez tentou contra a vida do marechal Bazaine, o immortal traidor de Metz. Ficou ferido na cabeça.

**Julgado municipal em Albergaria.**— Foi ultimamente assignado o decreto da creação d'este julgado com o que muito folgamos. E' um acto de equidade, que muito honra o nobre ministro da justiça, porque não deu ouvidos a quem queria fazer valer mesquinhos interesses e caprichos censuraveis com detrimento de justas reclamações e altos compromissos partidarios. E assim ficaram sem effeito os espalhafatos feitos ha dias em Agueda, onde se conspirava contra a tranquillidade dos animos de Albergaria. Quer-nos parecer que era um procedimento pouco politico. Albergaria deve exultar de jubilo pela justiça, que lhe foi feita.

O sr. Francisco da Costa Mattoso se não tivesse já prestado relevantes e numerosos serviços ao districto, bastariam só a attitude que assumiu e os esforços empregados para conseguir este melhoramento, vencendo todas as difficuldades, para elle ser considerado como um dos representantes mais dedicados que temos tido no parlamento.

**Não gostou.**— O artigo intitulado — *Acontecimentos do Porto* — que publicamos no n.º 5.º do nosso jornal, irritou um pouco os nervos á «Discussão», diario democratico do Porto. Sentimos que aquellas quatro verdades amargassem tanto ao illustrado collega.

**Longevidade.**— Existe no Porto uma mulher com 115 annos de idade!

**Enfermidade.**— O principe imperial da Allemanha, está gravemente doente.

**Sarampo.**— Está grassando em Famalicão, com bastante intensidade, tendo atacado creanças e adultos.

**Fundos.**— Os nossos fundos já estão a 57 3/8, com tendencia a subir.

**Attentado.**— O reu Domingos Nunes, que attentára contra a vida do parcho de Villa Nova de Famalicão, foi condemnado a 6 mezes de desterro para Barrancos.

**Operação importante.**— No dia 18 pela primeira vez praticou-se no Porto a operação galvano-punctura d'um aneurisma da aorta. Operou o sr. dr. Ricardo Jorge. Foram enterradas duas agulhas no sacco aneurismal, pelas quaes se fez passar uma forte corrente electrica, com o fim de obter a coagulação do sangue. A operação, uma das applicações mais ousadas da electricidade á cirurgia, durou meia hora e teve o melhor exito. Foi feita no Instituto electroterapico, com a assistencia dos snrs. drs. Augusto Brandão, Moraes Caldas, Oliveira Monteiro, Godinho de Faria e Joaquim de Mattos, clinicos do Hospital da Misericordia.

**Conselheiro Veiga Beirão.**— Chegou hoje ao Porto o sr. conselheiro Veiga Beirão, actual ministro da justiça.

S. ex.ª foi esperado na estação de Campanhã, pelas auctoridades civis e militares, associação commercial e um grande numero de amigos particulares.

**Bispo de Betsalda.**— Partiu hontem para Lisboa o sr. bispo de Betsalda.

**Fallecimento.**— Falleceu a sr.ª viscondessa de Sarzedo, mãe do nosso amigo o sr. Amorim Pacheco, presidente do centro progressista de Arganil.

D'aqui lhe enviamos os nossos sentidissimos pezames.

**Libras sterlingas.**— O vapor inglez «Hawerden Castle», entrado estes dias em Lisboa, trouxe 5:000 libras sterlingas para o Banco de Portugal.

**Para a Inglaterra.**— O sr. Eça de Queiroz e sua ex.ª esposa, partem para Inglaterra no proximo mez de maio. Apetecemos-lhes uma feliz viagem.

**Juiz da Relação do Porto.**— Tomou ante-hontem posse de juiz d'esta Relação, o sr. dr. Alvaro Ernesto de Seabra, que estava exercendo igual cargo nos Açores. Enviamos a s. ex.ª os nossos parabens.

E Ataces disse, enfiando a espada pela bainha :

«Soldados! soldados meus! já não tendes capitão; abaixai as vossas armas, enrolai vosso pendão, quebrai as unhas e os dentes ao vosso rubro leão.

«Senhor rei Hermenerico, já não quero guerrear, façamos pazes aqui, amigos hemos quedar; olhos d'ella me renderam, vossa filha me heis de dar.

«Dona minha, Cindasunda, aqui tens o meu pendão, aqui tens os meus soldados, aqui tens o meu leão; os teus olhos me renderam, aqui tens meu coração.

«Senhor rei Hermenerico, já não quero guerrear, façamos pazes aqui, amigos hemos quedar; olhos d'ella me renderam, vossa filha me heis de dar.»

### CANTO V

Deram as mãos os guerreiros e beijaram-se; largaram hostes as armas e abraçaram-se; drago e leão, ambos quietos, cortejaram-se; ao ceu tangeres alegres elevaram-se; as faces de Cindasunda purpuraram-se; os seus olhos tão formosos abaixaram-se.

E a mão do godo tostada, immunda, co'a mão tão nivea de Cindasunda;

e as faces d'ella meigas, rosadas, co'as faces d'elle, rubro-tisnadas;

e o corpo d'ella curto e formoso e o corpo d'elle gigante e airoso;

e o pai ao lado, rude dragão, sustendo a raiva no coração;

e dos dois chefes a dextra irada pousando a furto na quente espada;

e olhos de feras cruzando ainda d'um lado e outro da moça linda;

e ella aos guerreiros com riso brando surdos furores amenisando:

assim caminho de Coimbra bella vem ante as alas o godo e ella.

E assim c'roada em copa d'ouro, de paz e graças rico thesoiro,

a Coimbra Ataces a deu brazão, d'um lado a serpe, d'outro o leão.

E já de seculos grossa dezena passou correndo por esta scena;

e inda os dois brutos, inda a donzella brazão existem de Coimbra bella.

Mais do que o vicio sempre a virtude do tempo arrosta o olvido rude.

J. Freire de Serpa.

SECÇÃO LITTERARIA

A FORÇA DO CHRISTIANISMO

(a José Estevam Conceição da Costa)

JÁ vam no fim desenove seculos e o christianismo tem caminhado sempre a par d'elles, cada vez mais vigoroso, mais triumphante, mais radiante de gloria e de sympathia, deixando essas desenove paginas da historia mais refulgentes de luz.

Ruidosas tempestades de odios implacaveis e de paixões infrenes têm surgido contra elle, muitas vezes impellidas pela força rude e incitadas pela ignorancia, mas todas tem baqueado perante a sua sublimidade como as vagas de encontro a praia. Inabalavel a essas tempestades que traziam em seu ventre o martyrio, elle avança magestoso por cima d'esses escolhos e por entre os destroços de centenas de gerações, e, n'um vigor sublime, desafia a vertiginosa velocidade dos tempos.

Todas as gerações na sua rotação constante se substituem, as nacionalidades se tem alterado, as constituições aperfeiçoado, os costumes modificado, só o christianismo persiste impavido, porque só elle é inexcedivel em perfeição e em beneficios salutaes para a sociedade.

A ira das massas populares, o odio e as determinações rudes dos imperadores, empunhando a arma do suplicio, tudo, tudo foi impotente para deter a marcha crescente do novo sol, que vinha risonho encher de luz toda a humanidade.

E' que elle tem por principio a justiça e o dever, a caridade e a fraternidade, e por missão fulminar a prepotencia, combater o abuso e o vicio, estabelecer a ordem e a tranquillidade, unir todos os corações por um só laço o laço, do amor e mostrar-lhes um só caminho, o do progresso.

O christianismo devia progredir sempre, porque tinha em si o preço de milhares de sacrificios e fóra irrigado pelo sangue humano, que lhe dava um caracter de duração e progredimento infinitos. E assim parece acontecer.

No primeiro seculo, sendo a cifra dos christãos apenas meio milhão, logo no 2.º sobe a dois milhões, e d'alli segue uma progressão crescente. No 10.º seculo attinge a colossal cifra de 50 milhões; no 15.º 100 milhões, e no seculo 19.º 260 milhões!!

Argumento eloquente da sua força! Linguagem inconcussa para responder aos ignorantes e aos detractores.

A sciencia e o seculo 19.º, que combatem tudo quanto sejam preconceitos e abusos, não o ferem, antes se identificam com elle, porque são irmãs as suas aspirações.

E' que o christianismo é a alma da sociedade, porque lhe constitue a familia e a familia é a sua parte mais importante.

Entra como factor capital na instrucção, que é um pharol, que guia a humanidade atravez dos escolhos da vida; é a essencia da educação, combatendo as paixões desvairadas, firmando a harmonia entre todos, adornando os corações, estabelecendo o aperfeiçoamento moral e fazendo germinar o amor no coração dos paes e dos filhos. Libertou a mulher da odiosa escravidão e definiu-lhe a sua missão sublime no mundo. No revoltar incessante das sociedades, vemos a remecher-se sempre, ás vezes ameaçadora e espumante, a onda popular como porfando confundir tudo. E' porém o christianismo

que lhe indica os limites do dever, lhe applaca as paixões, que a convulsionam, lhe modifica os corações e restabelece a normalidade e o respeito.

Não se pode maldizer o christianismo sem ser inimigo da justiça e da verdade, do direito e do dever, sem ser um obreiro do esphacelamento social, um verdugo da consciencia humana, um apostolo do erro.

Ricardo Souto.

ELLA MORREU!

Ella morreu ao despontar da aurora, rosa cortada do brotar em flôr, botão ainda que em rubor descora, que mal aspira ao innocente amor.

E' duro, é triste, ao alvorcer da vida, perder um anjo que se esconde á terra... E' como a pomba, que, fugaz, sentida, d'entre essas aves seu olhar desterra...

Cadente estrella, que ao passar lampeja fugazes raios de brilhante luz... qual fogo fatuo que de noite alveja, illuminando a solitaria cruz...

Ella morreu! e que nos resta agora sonhar viver e não a ver jámais! mas tem ao menos quem por ella chora áquem da campa com sentidos ais!

Oh! não é triste inteiramente a morte para quem baixa inerte á campa dura, se lhe deixou quem lhe chorasse a sorte com saudade eterna a morte escura.

Mas não cessou inteiramente a vida, aqui debaixo d'esta campa fria... se o teu olhar os vivos não convida d'essa jazida funeral, sombria,

se te não bate o coração singelo, extincta a vida n'esse frio meio, se o verme irá com um horrendo anhelar cavar á farta no teu casto seio,

ha uma coisa inda a prender-te á terra... és inda viva n'essa coisa occulta: rosa, que o vento forte não decerra, flôr, que da campa a brisa não sepulta...

Ella é mui triste... é cruel... funerea, mas mesmo assim consola em tal verdade: pó não é, qual tu és, que és só materia... no coração só vive: é a saudade!...

P. X.

DIVERSÕES

EU chamo-me Ernesto da Motta. Meu pae foi ao Brazil e trouxe de lá uma boa fortuna.

Fez um emprestimo aqui ha annos ao governo, fundou um hospital na minha terra, todos os annos paga o azeite e a cera do SS., protegeu com dinheiro a velha irmandade do Senhor dos Passos que estava agonizante de miseria, fez uma escola e outros beneficios mais e em troco de tudo isto pode jactar-se de ser hoje o commendador Feliciano da Motta.

Eu ando a estudar medicina em Lisboa, onde ha dez annos frequento as aulas superiores e estou já n'uma posição bonitinha.

Entreí vai para seis annos na escola e, devido ao meu assiduo trabalho no campo das letras, estou hoje no meu 3.º anno medico, que repito pela segunda vez, porque tenho por habito não passar de leve por cima das coisas que estudo, razão por que tenho chegado a frequentar algumas

cadeiras trez annos successivos e algumas vezes ainda não passo...

O que é amor da sciencia! Não sou como alguns rapazes que eu conheço que galgam pelas cadeiras das escolas como gatos por brazas, sabindo no fim uns doutores..., umas vulgaridades, rotineiras, sem nome, sem sciencia...

E com effeito, o que póde saber um rapaz n'estas condições que passa a vol d'oiseau por um campo tão vasto, sem tempo para meditar e observar por si mesmo os casos tão numerosos e diversos de doenças que apparecem n'essas enfermarias enormes do hospital de S José?

Elle em estudante apenas teve tempo de decorar as licções que no dia seguinte havia de papaguear ao lente e pouco mais. D'ahi por dois ou trez dias já nada do que antes estudara lhe lembra; e no fim do anno, coitado, para passar encommoda mais de meio mundo, encommenda-se a toda a corte celestial, todas as noites faz orações; perante uma velha santa Maria que tem á cabeceira da cama, velha santa Maria do tempo dos avós e de que só n'aquelles apertos se lembra, alumia-a até tarde com a luz do candieiro e tira-lhe o pé... e, se depois fica victorioso, lá vai para a terra, dizer, que metteu lanças em Africa, que venceu todo um oceano de difficuldades sem precisar dos offercimentos dos amigos... o que sei eu?

Eu por mim é que declaro não ter pressas; eslou novo... apenas vinte e cinco primaveras... E depois, se tenho gosado muito e aprendido muito, ainda posso e devo aprender e gosar mais.

Lisboa é uma grande terra e uma grande escola.

A minha vida em Lisboa não é de todo má; pode até dizer-se que é boa e invejada por muita gente. Estou commodamente installado no Hotel Oriente, ao Chiado, e duas vezes por semana, acompanhado de uma bella andaluza ou d'uma saleirosa sevilhana, vou ao Silva comer camarões em gabinete reservado.

Ah! Os camarões! Que petisco! Quem ainda os não comeu lá não pode imaginar o que aquillo é!

O quarto, illuminado por dois bicos de gaz que derramam luz a torrentes; no centro, a airosa meza de marmore branco com uns veios sinuosos pretos, sobre que veem collocar os dois talheres ao lado de duas garrafas de magnifico Collares; nas paredes lateraes, forradas a papel de fundo verde com ramos dourados, d'onde se destacam quadros representando o seductor paraizo de Mahomet; dois enormes espellos de finissimo crystal; quatro cadeiras á roda da meza e um sophá ao fundo, attraente como um leito nupcial, fazem as delicias de um Romeu que vai buscar a casa da Antonia Morena uma Julieta de olhos pretos muito vivos, cintura flexivel, requebros gaiatos, gestos travessos, riso nos labios de carmin, malagueñas e seguidilhas na bôca.

(Continúa)

Makoum.

LOIRITA

(a Lucia Dordio)

Loirita... tu tens uns olhos Fulgentes e tentadores, Como uns acessos abrolhos, Os teus olhos Sorrisos de mil flores.

Loirita... tens uns cabellos Scintillantes e frementes, Cuidados com mil disvellos Teus cabellos Fios d'ouro aurifulgentes.

Loirita... tens um sorriso Alegre, fresco, tremido, Aurora do paraizo, Teu sorriso E' um sonho indefenido.

Loirita... tens uma alma Serena como a bonança, Que esta minha dôr acalma, A tua alma Como se fôsse uma esp'rança

Loirita... só peço um olhar, Um raio só d'alegria Sereno como o luar!... Só um olhar, A' minh'alma arida e fria.

Porto 1887.

José Dordio.

As duas irmãs

(a Sebastião Corrêa da Costa)

AMBAS ellas são gentis, travessas e encantadoras; uns rostos angelicos, labios côr das cerejas, deixando ver uma fila de dentes alvos como a neve.

Ambas ellas cheias de espirito e maguice: a mais nova um pouco mais branca, um olhar mais terno e tentador.

Não vivem junta desde o fallecimento do pae, um homem honrado e que muito as estremecia.

N'um domingo tepido e perfumado com os primeiros aromas de primavera, estava Emilia — a mais nova — á janella, acariciada pelo sol, e os seus formosos olhos a custo se abriam, ainda pesados do somno.

N'aquelle dia levantara-se mais cedo do que costumava.

E' que a creada annunciara-lhe que a irmã a vinha visitar e que em sua companhia vinha uma senhora compromettida.

Emilia ergueu-se muito contente; o seu primeiro cuidado foi chegar-se á janella; tinha desejos de saber quem seria a tal senhora compromettida.

Por mais que pensasse não era capaz de advinhar quem ella seria. Pessoa de sua relação não podia ser... mas quem sabe...

E assim permaneceu n'aquella duvida até á chegada da irmã.

Emilia sahio da janella e voltou ao quarto onde havia em tudo uma boa disposição e um bom gosto. Vestiu-se simples, mas elegantemente.

Assim era preciso, não para receber a irmã, mas sim a tal senhora, podia ser pessoa d'alto cothurno, e era necessario apresentar-se com a decencia exigida em taes casos.

Escusado será dizer que a belleza de Emilia pouco augmentou com os taes atavios.

Emilia por mais simples que traxasse era sempre seductora.

Em quanto esperava as visitas começou a lêr pela decima vez a Graziella de Lamartine.

Conservava uma affeição extrema por aquelle livro.

E todas as vezes que lia os dissa-

bores que Graziella experimentou, as lagrimas tremeluziam-lhe redondas como perolas nas longas pestanas.

Passou o dia sem voltar á janella, porem ao entardecer Emilia abriu-a, e, pousando os braços em seu rebordo, contemplava o cabir da tarde.

No azul vão apparecendo algumas estrellas. A lua, despontando serena, oscula timidamente a face de Emilia.

Bandos d'aves fogem a esconder-se na folhagem, onde construíram os ninhos, beijando-se tão de manso para que os não onçam as cecens que vicejam no proximo canteiro.

Emilia retirou-se da janella pensando que a irmã já não viria.

No entanto, na occasião em que o pequenino relógio do quarto de Emilia batia as horas, appareceu a irmã.

Emilia corre ao seu encontro. Ha muito que se não viam.

Depois de se abraçarem, Emilia quiz saber que motivos tinha a irmã para não a ter vindo ver ha mais tempo.

Julguei que te tinhas esquecido de mim—disse ella.

—Não esqueci, não. Estive uns dias de cama por causa d'uma horrivel dor de cabeça.

Pensei que morria...

—Pois acredita que o não soube; e, tu, Micas, desculpa o eu te não ter visitado, concluiu Emilia.

—Ha muito tempo, tornou Micas, que me não sentia boa, e hoje mesmo pouco melhor me sinto.

—E porque não consultas qualquer medico? sempre seria bom.

—Já consultei e poucas melhoras tenho encontrado. De longe a longe a tal dor de cabeça, muito fastio...

—Antes que me esqueça—disse Emilia—quem era a senhora comprometida que devia vir contigo?

—Senhora comprometida! repetiu Micas, muito admirada.

—Sim, tu disseste á minha creada que vinhas com uma senhora...

—Comprometida? interrompeu Micas, dando uma gargalhada.

—Foi o que a creada me disse.

—Ella não tomou sentido no recado, continuou Micas, sorrindo, e mostrando-lhe um livro, disse: aqui tens a tal senhora comprometida.

Ambas se riram a bandeiras despregadas.

O livro era o romance original por Eusebio Blasco, que Emilia tinha emprestado á irmã.

A. Leão Martins.

AS INCONVENIENCIAS

(ao Annibal Leão)

TEEM ido para o vão d'uma janella conversar sosinhos, os dois. Ambos teem vinte annos. Edade da alegria, do amor, etc... Elle é bacharel, ella uma galante menina, prendada, que toca piano e canta romansas francezas e italianas.

Conversavam descuidadas agora, porque os cobre com sombra pronunciada as cortinas de seda do salão, ouvem somente as notas vibrantes d'uma valsa estonteadora e o ruido das conversas, n'uma confusão de vozes.

Assim, tem-se esquecido ella que promettera cantar em duetto com Arthur, um dos mais persistentes em fazer-lhe a corte e um dos mais antipathicos ao bacharel.

Agora principiavam a procural-a por toda a parte. E' occasião propicia para ella mostrar os dotes com que a natureza a favoreceu, a garganta privilegiada com que a dotou, e as libras que se tem gasto com a sua educação, pensavam os paes...

Mas a menina não apparece!

E o Arthurinho diz que deve estar no jardim, e diz isto a sorrir... Elle bem os viu por entre as cortinas, escondidos na janella, mas imagina um escandalo e calcula qual elle deve ser... N'isto, lembrado, levanta-se de ao pé do piano e correndo ás cortinas da janella onde elles estão, abrindo-as de par em par, mostra-os!

Ceus! muito abraçados os dois trocavam um beijo d'amor...

Tanto não espera o Arthur!

Imaginava até, preferido elle, ella a dizer ao outro palavras desabridas, seccas...

Os dois ficaram escarlates! Todos os olhares das pessoas da sala dirigiram-se para ali...

Elle muito serio:

—Pois não sabem, foi tudo combinado entre nós e o Arthur... Para rirmos!

E o Arthur:

—Sim! Sim...

E os paes d'ella:

—Que pena! que o casamento convinha...

Todos cochichavam:

—Que idea tão extravagante, seria verdade...

Só elles os dois e que dizia para si:

—Que Arthur tão inconveniente... E quanto Arthur ha por este mundo?

Adir Agram.

PHANTASIA

(POR ELVIRA TOVIN)

ERA um dia um amanhecer sombrio e profundo.

As nuvens corriam vertiginosamente, tomando formas extranhas, medonhas, aterroradoras.

As aves fugiam espavoridas d'arvore para arvore, d'abrigo para abrigo.

A atmosphera era quente e abafada; a escuridão cada vez mais profunda.

De repente ouviu-se um ruido enorme, precedido d'um clarão visivissimo e instantaneo. Parecia o desmoronamento dos mundos. O ruido augmentava, os relampagos succediam-se, as avesinhas caíam mortas e as flores tombavam desfolhadas no chão abrasador. A' luz d'um relampago pude ver um vulto caminhando apressadamente pela parte mais arida, mais pedregosa da montanha em que eu me achava. Corri para elle.

Era um velho de longas barbas, brancas de neve. Na frente, crestada pela ardentia do sol, sulcada de rugas, brilhavam uns olhos d'extranho fulgor. Levava na mão um bordão, que lhe amparava o corpo, curvado ao peso dos annos e talvez, do soffrimento...

Assustada e tremente pedi-lhe socorro.

Olhou para mim, sorriu tristemente e disse-me: «Deixa-me seguir, creança! Não posso ficar; sou o Ashavero da lenda. Caminho, caminho sempre! Vês aquella luz ao longe?—Hei de alcançal-a. Tu não tens forças para seguir-me. Vês?—Estou velho, cançado, levo os pés feridos e estou ainda longe, tão longe!...

Deixa-me seguir...» E caminhou, caminhou... Dentro em breve desapareceu. O estreito e aspero carreiro que elle seguia ficava salpicada com o sangue que lhe corria dos pés. N'um momento tudo se desfez. O sol erguia-se magestoso n'um ceo formosissimo; a brisa brincava mansamente com os meus cabellos; as aves chilreavam uns cantos mais melodosos que nunca.

Então ouvi uma voz serena e meiga que dizia: «Aquelle velho é a Humanidade; o bordão a que se encosta é a Esperança; o caminho que percorre é a Vida; a estrella que elle procura attingir é a Felicidade!

BOCAGE EM LIBERDADE

Conta-se, que no mesmo dia, em que Bocage fóra solto dos carcereiros da Inquisição, escreveu esta famosa quadra:

Nenhum poder tem o Pápa,  
Não o faz Deus, nem o quer,  
Não valem seus sacramentos,  
Nem pode prestar a fé.

Vigiado por um familiar do Santo Officio, foi logo prezo, e levado á presença do Inquisidor.

Perguntando-lhe este se escrevera aquella quadra, respondeu affirmativamente, e que lhe tinha sido dada para glosar; e que o fazia já.

Pedio-lhe o Inquisidor a glosa, que ditou assim:—

Como Vigario de Christo,  
De Pedro seu successor,  
Da christandade senhor,  
Do mundo geral ministro,  
Pode, como temos visto,  
Condemnar todo este mappa,  
Mas só em dizer m'escapa,  
Que neste imperio tão forte  
P'ra nos livrar da morte  
Nenhum poder tem o Pápa.

Pól-o Deus em tal lugar  
Para que o mundo regesse,  
O peccado absolvesse  
A quem o confessar;  
Pól-o para castigar  
Em fim a quem merecer;  
E se isto não fizer,  
De Deus não será bem visto,  
Que para injusto ministro  
Não o faz Deus, nem o quer.

E' pois tão forte o poder  
Do sacerdote, a benção,  
Que n'uma especie de pão  
Faz Deus á terra descer;  
Tambem devemos crer  
Que em raros pensamentos  
Faz christão, quem Mouro é,  
Mas se lhe faltar a fé,  
Não valem seus sacramentos.

Diz a sagrada Escriptura  
Com razão tão excessiva  
Que p'ra a fé ficar viva  
Necessita d'obra pura;  
Por isso toda a creatura  
Que é christã, na fé cre;  
Que se a fé morta é  
Faltando o seu santo effeito,  
Não fica Deus satisfeito  
Nem pode prestar a fé.

Escripta a glosa por Bocage foi posto em liberdade.

NA CAMPA D'IGNEZ

Oh! como é triste, apoz o amor em vida,  
aqui, curvada vir baixar ao pó  
e vôr-te essa alma ás regiões subida,  
onde as estrellas se conhecem só!

Mas, remontando d'este amor ao empyreo,  
joven donzella, te seguiu alguém  
e te vem ver como aqui brota o lyrio  
sobre esta campá, que regado tem...

e, assaz maguado co' esta dor infinda,  
inda se lembra d'esse amor d'então  
e a ti, Iгнеz, inda tributa ainda  
o amor, o culto d'infeliz coração...

Joven donzella, que perdi na vida,  
já não amor isto se chama já,  
mas sim saudade, que senti, querida,  
d'essa tua alma, que partiu p'ra lá...

Porto, 18-4-86.

P. I.

Porto-87

Vidal Oudinot.

A' MEMORIA DE MEU PAE

(a meus Tios)

Eu nunca me esqueci d'essa bondade  
Da tua alma pura,  
Foi ella que me deu a claridade,  
A' minha idea escura.

Seria bem feliz, oh alma immaculada,  
Se o teu pensar profundo  
Me envolvesse assim como a alvorada,  
Envolve todo mundo.

Tinhas-me tanto amor! mas hoje sinto  
Os habitos do bem,  
Vindo acender na alma o fogo extinto,  
Os beijos d'uma mãe.

A alma s'evolou! Mas tu deixaste  
Dois entes que eu adoro,  
E tenho o meigo encosto d'essa haste,  
A' sombra de que choro...

HORAS VAGAS

CHARADAS

(a Ricardo M. Nogueira Souto)

(a J. F. de Vasconcellos)

Que aguda seta! — 2  
.....  
Que soffrimento! — 1  
.....  
Oh! que ferro!!...

ENYGMATICA

Bem póde minha primeira  
A cor da segunda ter...  
—Pois se o todo na primeira  
—Com certeza se vae ver!

Porto.

Narciso d'Albuquerque.

DECIFRAÇÃO DAS CHARADAS NOVISSIMAS

(Acrostico duplo) do numero antecedente:

Bordado — Manoamano — Beiramar — Hama — Bicalado — Petala  
— Soldão — Calamaço — Belladona — Rodado — Morfeia — Rincão  
— Aveia — Dador — Dominó e Polaca.

Porto=Imprensa Real de Pereira da Silva, Praça de Santa Thereza, 45